

# Introdução

## 1.1

### Apresentação geral

A presente tese tem como tema a aquisição e desenvolvimento do conhecimento relativo a sentenças passivas verbais do português e faz considerações pontuais a respeito do que seja desenvolvimento linguístico típico e atípico; ou seja, quando há comprometimento da linguagem, em particular, casos de DEL-Défict/Distúrbio Específico da Linguagem. Esta se inscreve no campo da Psicolinguística e se insere nas linhas de pesquisa<sup>1</sup> do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem da PUC-Rio).

Ao se usar o termo "passivas verbais", estão sendo consideradas apenas as passivas verbais perifrásticas, aquelas da forma auxiliar (ser) + particípio (V-do) + *by-phrase* opcional (por DP) (ex.: *O copo foi quebrado pelo Pedro*). Fogem ao escopo deste trabalho as outras formas de passivas, sejam as sintéticas que possuem pronome *se* apassivador, também presentes na língua portuguesa (ex.: *vendem-se casas*), e outras formas de passivas discutidas na literatura acerca de diversas línguas, tais como: passivas impessoais, adversativas, assimétricas, entre outras. Chama-se atenção para o fato de que as passivas verbais do português possuem semelhanças importantes com as passivas adjetivais. A maior delas é que a configuração de ambos os tipos de passiva (verbal ou adjetival) pode ser descrita pela relação entre um auxiliar e o particípio. Toma-se como hipótese de trabalho que tal configuração (aux+part) seja a alavanca para a aquisição de todas as propriedades pertinentes a essas estruturas em português.

Ressalta-se que *aquisição de linguagem* está sendo entendida como um processo vinculado à percepção do material linguístico que se apresenta à criança nas interfaces da língua com os sistemas de desempenho (HAUSER, CHOMSKY e FITCH, 2002). O referencial teórico linguístico tomado como base, portanto, é o do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995; trabalho subsequente). Essa visão de aquisição via interfaces é articulada à noção de aprendizagem guiada por fatores inatos (*innately guided learning process*) (JUSCZYK e BERTONCINI,

---

<sup>1</sup> As linhas denominam-se *Processamento e Aquisição da Linguagem e Psicolinguística Aplicada: Problemas de/na linguagem*.

1988; JUSCZYK, 1997), como proposto em Corrêa (2009a/b). O processo de aquisição em si é entendido à luz dessa abordagem procedimental.

De acordo com a abordagem citada no parágrafo anterior, a aquisição da linguagem requer a identificação e representação dos traços formais das categorias funcionais no léxico - informação esta que se faz legível em padrões recorrentes na interface fônica a serem representados como informação de ordem morfológica, e, portanto, sujeitos à interpretação semântica. Grosso-modo, os traços formais são a expressão daquilo que há de sistemático, regular nas línguas humanas. Daí, a importância da relação aux+part, a que se referiu anteriormente, ao se propor um algoritmo de aquisição de passivas, como o que será feito aqui.

O desenvolvimento deste trabalho justifica-se pela intenção de se ampliar o escopo da pesquisa de Lima Júnior (2012), em que se investigou a compreensão de passivas por crianças em curso de aquisição da linguagem. O intuito, neste momento, é explorar possíveis condições de processabilidade capazes de minimizar o fardo de processamento na compreensão. São abordados aqui, ademais, aspectos concernentes aos processos de representação no conhecimento linguístico e de produção de passivas.

De modo amplo, objetiva-se traçar um panorama de aquisição de passivas. Neste panorama, dois momentos subsequentes de aquisição são analisados separadamente. No primeiro momento, colocam-se as questões de aquisição como representação no conhecimento linguístico. No denominado segundo momento, são abordados os pontos que dizem respeito ao desenvolvimento de habilidades procedimentais das crianças. Argumenta-se que os dois momentos de aquisição suscitam discussões específicas que poderão ser mais bem entretidas caso sejam pensadas a partir de dois modelos que, embora distintos, dialogam proficuamente entre si: o *Modelo Procedimental de Aquisição da Linguagem* (doravante, MPAL) (cf. CORRÊA, 2009a/b) e o *Modelo Integrado da Computação online* (doravante, MINC) (cf. CORRÊA e AUGUSTO, 2007; 2011; 2013).

O MPAL visa a explicitar o processo conduzido pela criança na identificação dos traços formais de modo a responder a questões de aprendibilidade, desde a inicialização do sistema computacional que é biologicamente herdado pelo indivíduo até a especificação de operações sintáticas mais sofisticadas. O MINC, por sua vez, visa a explicitar os processos de compreensão e de produção a partir de uma integração entre aspectos específicos

do processamento em tempo real e a computação proposta pelo modelo de língua Minimalista.

Naquilo que se denominará primeiro momento de aquisição, focaliza-se o processo de identificação de informação fônica que possibilita a representação de informação sintática no conhecimento linguístico. A esse respeito, aventa-se que certos elementos da língua poderiam servir como índice para a efetivação do reconhecimento de uma passiva verbal. A hipótese que norteia esta tese é a de que o mencionado índice seja a dependência descontínua entre auxiliar passivo (*ser*) e particípio (doravante, *Aux-ser+V-do*). Um experimento com bebês com aproximadamente 18 meses de idade busca verificar se há evidência nessa direção.

No dito segundo momento, discute-se a dificuldade de se colocar o conhecimento relativo à passiva verbal em uso. Essa dificuldade será caracterizada a partir de demandas computacionais (estritamente sintáticas) e do processamento em sentido mais amplo, o que inclui a influência de fatores semânticos e pragmáticos. Investiga-se, nesse caso, a possibilidade de haver restrições de ordem semântica (animacidade do DP-sujeito e reversibilidade de papéis temáticos) e/ou pragmática (condições de felicidade) ao uso de passivas e de que modo essas trariam impacto no desempenho linguístico das crianças na compreensão e produção dessas estruturas. Mais cinco experimentos (4 com crianças e 1 com adultos) de produção e de compreensão foram concluídos na busca por investigar essas questões.

Em suma, esta tese deseja prover uma caracterização procedimental da aquisição de passivas, sentenças ditas de alto custo, e identificar fatores que afetem os processos de aquisição, compreensão e produção dessas estruturas. A identificação desses fatores pode contribuir para a proposta mais ampla de se traçar o limiar entre o desenvolvimento linguístico típico e o atípico no que concerne a essas estruturas de alto custo, além de se fornecer fundamentação teórica para o desenvolvimento de ferramentas e de materiais que ajudem no diagnóstico e terapia de indivíduos com problemas de linguagem, em particular, o DEL (Déficit/Distúrbio Específico da Linguagem) (LEONARD, 1986).

## 1.2

### As sentenças passivas e a sua aquisição: caracterização e histórico

As sentenças passivas são estruturas de mais alta relevância no âmbito dos Estudos da Linguagem e têm sido investigadas há quase 60 anos. Suas propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas alimentam profícuas discussões na teorização acerca do conhecimento e do processamento linguístico. No que tange aos estudos em Aquisição, campo ao qual se integra este trabalho, o papel das propriedades estruturais, semânticas e funcionais das passivas desperta grande interesse na tentativa de se entender como a criança representa as propriedades das referidas sentenças no conhecimento linguístico e as dificuldades de se pôr essas informações em uso.

Tendo-se em mente a língua portuguesa, nota-se que as sentenças passivas não conformam um grupo muito homogêneo. Esse grupo é composto por, pelo menos, dois subtipos: passivas verbais, também chamadas de eventivas e passivas adjetivais. Essas últimas, por sua vez, dividem-se em resultativas e estativas (cf. EMBICK, 2004; DUARTE e OLIVEIRA, 2010). As passivas verbais costumam apresentar um sintagma preposicionado (PP) cujo caráter é opcional. As passivas que apresentam o PP são chamadas "longas". A ausência de PP caracteriza as passivas curtas. As passivas longas podem ser reversíveis, exibindo dois sintagmas nominais, potenciais agentes/experienciadores, ou irreversíveis, quando o sujeito não pode assumir esses papéis por razões semânticas. A característica distintiva das passivas verbais em relação às passivas resultativas e estativas, no português, é a existência de diferentes auxiliares, respectivamente *ser* (passiva verbal), *ficar* (passiva resultativa) e *estar* (passiva estativa).

Na linha de investigação conduzida, *aux+part* é a informação sintática que se faz visível na interface fônica como um padrão sonoro recorrente a ser tomado como gramaticalmente relevante pela criança. Argumenta-se que essa combinação padrão servirá de índice para que o infante possa, posteriormente, buscar uma interpretação semântica para este padrão, o que permitirá que a aquisição dessa estrutura seja efetivada.

Do ponto de vista sintático, as passivas podem ser descritas como decorrentes de uma operação que desloca o objeto lógico do verbo para a posição de sujeito. Essa operação sintática parece ter uma contraparte na morfologia, haja

vista a já discutida presença de um verbo auxiliar e um morfema participial na derivação. O processo de apassivação parece atender, além disso, a restrições semântico-aspectuais dos verbos (PINKER, LEBEAUX, FROST, 1987; GEHRKE e GRILLO, 2009).

Do ponto de vista semântico, as passivas verbais apresentam relações temáticas semelhantes às de sentenças ativas. No que concerne ao mapeamento de papéis temáticos a posições sintáticas, as estruturas passivas diferem do mapeamento canônico (sujeito-agente/experienciador;objeto-tema/paciente) da língua, uma vez que apresenta o sujeito com papel temático de tema/paciente. A alteração desse mapeamento canônico, marcado no português, é uma possibilidade estrutural das línguas humanas que na língua em uso pode ser utilizada em função de demandas discursivas específicas.

A posição que o objeto lógico ocupa nessa estrutura (a posição de sujeito) tende a ser a mais proeminente discursivamente. Em termos pragmáticos, portanto, o falante pode valer-se de uma passiva toda vez que desejar apresentar o tópico da conversa como tema; ou ainda, quando desejar desenfatar o agente, deixando-o subentendido, optando por omiti-lo, ou dispondo-o numa posição menos privilegiada discursivamente. A passiva pode servir ao discurso também quando é desejo do falante apresentar o agente como informação nova, ou de contraste (*algo foi feito por A e não por B*).

No que concerne mais diretamente à aquisição da linguagem e no intento de compreender como a linguagem é processada, o interesse por passivas teve origem ainda nos anos 60, em decorrência do fato de os modelos de gramática gerativa explicitarem a maior complexidade dessas estruturas em relação, por exemplo, a ativas. Essa maior complexidade levou linguistas e psicolinguistas a verificar *se* e *quando* as crianças dominariam passivas (SLOBIN, 1966; DE VILLIERS e DE VILLIERS, 1973; STROHNER e NELSON, 1974; MARATSOS et al., 1979).

Estudos clássicos evidenciaram, em seus primeiros anos de desenvolvimento, que a dificuldade das crianças recairia, particularmente, nas chamadas “estruturas reversíveis” (*o João foi amarrado pelo Pedro*) e que o desempenho linguístico das crianças poderia ser caracterizado em função de idade e em relação a diferentes graus de demandas que essas estruturas podem impor.

Estudos com adultos (dis)afásicos (GRODZINSKY, 1990; GRILLO, 2005) também vieram a corroborar a existência de demandas específicas que dificultam a interpretação e/ou formulação dessas sentenças. Esses resultados experimentais, de crianças e de adultos, fomentaram a criação de uma série de teorias para explicar os fatores que acarretam dificuldade com passivas.

Entre as possíveis explicações apontadas pelas diferentes teorias ao longo dos anos estão: (i) mecanismos sintáticos sujeitos à maturação biológica, apresentados como hipótese, fundamentalmente, nos trabalhos de Borer e Wexler (1987; 1992) e de Fox e Grodzinsky (1998), os dois maiores expoentes nesse assunto; (ii) pouca especificidade do *input* linguístico de passivas, defendido principalmente por Demuth (1989; trabalho subsequente) e Gordon e Chafetz (1990); (iii) problemas de adequação pragmática dos experimentos, que tem em O'Brien, Grolla e Lillo-Martin (2006) e Crain, Thornton e Murasugi (1987/2009) seus principais defensores; e, finalmente, (iv) questões especiais de custo computacional e estratégias cognitivas, iniciados por Slobin (1966) e Bever (1970) e recentemente rediscutidos e ampliados por Ferreira (2003) em relação a adultos e por Lima Júnior e Augusto (2012; 2014) e Augusto e Corrêa (2012) no que tange à aquisição típica e atípica. Os embates promovidos por essas diversas hipóteses serão amplamente caracterizados ao longo deste trabalho.

### 1.3

#### **Perguntas de pesquisa e objetivos gerais e específicos da tese**

Esta tese parte da hipótese timidamente aventada em Lima Júnior (2012) em consonância com as previsões de Corrêa (2009a/b) na explicitação de um modelo procedimental de aquisição (MPAL): a aprendibilidade da passiva verbal, ao menos no português, dependeria do reconhecimento da relação de dependência entre o auxiliar passivo (*ser*) e o morfema de particípio (*-do*). Esse padrão sistemático advindo dessa relação de dependência descontínua é um índice fundamental para que a criança interprete o primeiro sintagma determinante (DP) como objeto lógico do verbo e seja capaz de perceber a presença de um argumento externo, mesmo quando esse argumento está fonologicamente ausente. Não se sabe ainda, contudo, a partir de que idade a criança reconheceria essa dependência auxiliar-particípio.

Para além da identificação da estrutura *passiva verbal*, na visão de Corrêa e Augusto (2011), essas sentenças integrariam um grupo de estruturas consideradas de alto custo computacional. No decurso desta pesquisa, em consonância com as hipóteses do MINC (CORRÊA e AUGUSTO, 2013), argumenta-se que a compreensão de passivas verbais seria mesmo custosa, o que ajudaria a explicar o desempenho abaixo ou no nível da chance de crianças falantes do português com ditas estruturas até, mais ou menos, os seis anos de idade (ver LIMA JÚNIOR, 2012).

Recentemente, contudo, a literatura tem reportado que, a despeito dessa compreensão aparentemente "errática", as crianças seriam capazes de produzir passivas verbais longas (*O João foi amarrado pelo Pedro*) (BENCINI e VALIAN, 2008; MESSENGER et al., 2012; VOLPATO, VERIN e CARDINALLETTI, 2014; MANETTI, 2013) e que, ao contrário do que defendiam teorias maturacionais (BORER e WEXLER, 1987; 1992; FOX e GRODZINSKY, 1998; WEXLER; 2002; 2004; HYAMS e SNYDER, 2006; SNYDER e HYAMS, 2008; 2015), as crianças ao redor 3 anos já dispõem, sim, dos recursos linguísticos necessários para derivar uma passiva verbal.

Essas conclusões recentes, no entanto, ainda deixam espaço para inúmeros questionamentos, principalmente, porque não apresentam uma distinção clara entre o que sejam as tarefas de *representação*, de *compreensão* e de *produção* e seus respectivos custos particulares. Insiste-se aqui que, muito embora esses processos estejam indiscutivelmente interligados, existem demandas específicas nos processos que precisam ser levadas em consideração, não só por um modelo de aquisição, como também por um modelo de processamento que converse com modelos de aquisição. Acredita-se que, só dessa maneira, alguns dos muitos resultados divergentes obtidos na literatura poderão ser explicados.

De forma mais resumida, são quatro as perguntas que esta tese pretende responder:

- (A) qual a informação crucial que precisa ser identificada pela criança para chegar a adquirir uma passiva verbal?
- (B) como se dá o passo-a-passo desse processo de aquisição, pensado na forma de um algoritmo de aquisição?

- (C) qual a natureza do custo de passivas nos processos de compreensão e de produção?
- (D) é possível propor demandas diferenciadas de custo que tornem passivas verbais construções mais fáceis/adequadas para a compreensão e para a produção?

Essas perguntas, portanto, conduzem o leitor aos objetivos gerais desta tese, a saber:

- (a) propor um algoritmo de aquisição de passivas traçando um percurso que se inicia no reconhecimento de padrões fonológicos relevantes para a representação dessa informação no conhecimento linguístico (relativo às perguntas I e II).
- (b) distinguir as especificidades referentes aos processos de representação daquelas referentes aos processos de compreensão e produção (relativo à pergunta II).
- (c) Investigar e caracterizar as fontes de custo no processamento de passivas verbais em comparação com sentenças ativas e passivas com leitura adjetival.
- (d) identificar condições de processabilidade que possam tornar passivas mais fáceis para o processamento.

O trabalho será realizado a partir de um amplo estudo experimental. Os testes conduzidos e relatados aqui envolvem desde bebês, passando por crianças em idade pré-escolar e escolar, até adultos. Os objetivos específicos desta tese, portanto, são:

- (i) apresentar as características sintáticas, morfológicas, semânticas e pragmáticas definidoras das passivas verbais, com o claro intuito de definir que tipo de informação de interface estaria disponível e poderia ser tomada como crucial num modelo procedimental de aquisição dessas estruturas, tal como o MPAL (conferir capítulos 2 e 4);
- (ii) identificar as principais tendências e hipóteses nos estudos em aquisição de passivas e avaliar de que modo elas dialogam e

- contribuem com as hipóteses arroladas nesta tese (conferir capítulo 3);
- (iii) investigar se bebês entre 17 e 20 meses são sensíveis a padrões fonológicos de modo a que eles possam identificar a informação lexical necessária para a representação da estrutura passiva verbal no conhecimento linguístico (conferir capítulo 6, experimento 1);
  - (iv) investigar o papel de *reversibilidade* em testes de compreensão de sentenças ativas e passivas (reversíveis e irreversíveis) (conferir capítulos 3, 6), além de investigar a necessidade de ajustes metodológicos em tarefas com mapeamento sentença-imagem (conferir capítulo 6; experimento 2);
  - (v) caracterizar e contrastar os processos de compreensão e de produção de sentenças ativas, passivas adjetivais e passivas verbais a partir de uma visão crítica do modelo integrado da computação online (MINC) (cf. capítulo 5);
  - (vi) testar hipóteses relativas a fatores que possam indicar possíveis fontes de dificuldade procedimentais nas sentenças acima. (conferir capítulos 4, 5, 6 (experimentos 2-6));

